



CAPA

Joyce Farias. Nanquim s/ papel, 2020.

O trágico e a arte

Ângela Brandão (UNIFESP)
Cássio da Silva Fernandes (UNIFESP)

Este dossiê, especialmente organizado para a Revista Palíndromo, com o título “O trágico e a arte”, adotou como ponto de partida o interesse em discutir de que modo o sofrimento foi representado por criações artísticas de diferentes tempos e lugares. A proposta inicial foi pensar como as artes expressaram, não somente a dor que incide sobre corpos individualizados, mas também as diversas formas de sofrimento psicológico ou espiritual. Por outro lado, endereçava-se para além da esfera privada, em direção às formas com as quais as artes manifestaram o sentimento trágico coletivo diante de eventos extremos: catástrofes, crimes ambientais ou contra a Humanidade, epidemias, guerras, genocídios; ou diante das tragédias continuadas: explorações, violências, injustiças, fome, miséria, colonialismos. Tragédias coletivas estendidas sobre incontáveis corpos de pessoas que não conhecemos, os quais padecem e morrem anonimamente como “dados estatísticos”.

Indagava-se, de saída, em que medida a estetização das agruras humanas foi competente para denunciar e provocar mudanças ou apenas redundou em banalização. Como dimensionar, portanto, o sentimento do trágico na arte em tempos de anestesia diante da morte e naturalização das violências? O esgarçamento dos sofrimentos humanos pelo cinema, pelo audiovisual, pelo fotojornalismo e pelas redes sociais teria a capacidade de provocar o fim do sentimento trágico, ou a impressão de que - se já vimos tudo - nada mais importa?

A tragédia poderia ser pensada, contudo, desde sua origem como gênero teatral e literário, em diálogo com a noção do herói e do mito; em sua acepção histórica, a partir da experiência Antiga e seus desdobramentos. Enquanto categoria estética, potencialmente em diálogo com a literatura, cumpre ser observada na dramaturgia e no espetáculo, na fotografia ou no cinema; e nas artes visuais tradicionalmente entendidas enquanto tal, ou em suas múltiplas linguagens e materialidades. Cabe-nos compreender o trágico como elemento do humano, expresso em imagens por reações físicas e por gestos, representações de tensões de alma capazes de atingir uma potencialidade patética.

Tais inquietações constituíram o propósito inicial para que pesquisadores refletissem e produzissem artigos inéditos para compor o dossiê. A sequência de textos que o leitor poderá deslizar em sua tela é, portanto, o resultado deste esforço

de produção e organização de estudos que não apenas responderam, em alguma medida, às provocações desta coletânea, mas apresentaram soluções desconcertantes para inquirir as relações entre a arte e o trágico.

Abrimos nossos trabalhos com dois olhares voltados ao mundo da Antiguidade Greco-Romana e aspectos das origens estéticas da tragédia. O artigo de José Geraldo Costa Grillo traz uma reflexão intertextual que articula os escritos de Homero e a representação de dois personagens da Guerra de Tróia em pinturas gregas sobre cerâmicas, a partir da narrativa visual, atendo-se à gestualidade das figuras.

O texto de Antonio Barros, por sua vez, conduz o tema do trágico para o contexto de Roma Antiga. A teatralidade trágica do cotidiano, o teatro que se confunde com a “vida real” ou as formas teatrais de “viver a morte”, são alguns dos aspectos observados a partir de máscaras mortuárias e do pensamento de Plínio, o Velho, apontando o entendimento romano antigo acerca das artes visuais.

O artigo *A fortuna visual das camadas trágicas do romance da castelã de Vergy*, de Flavia Galli Tatsch, contribui significativamente com o dossiê ao observar, a partir de uma história escrita no século XIII, que envolve amor e morte, de que modo sua circulação se desdobrou em diferentes interpretações visuais, analisando quatro obras realizadas em linguagens e suportes diversos.

O escrito irretocável de Maraliz de Castro Vieira Christo nos leva para outro momento histórico numa dupla temporalidade: a Inconfidência Mineira e sua interpretação na obra de Pedro Américo, na última década do século XIX. Aqui, as pinturas jamais realizadas (à exceção do quadro monumental “Tiradentes Esquartejado”), são apresentadas como etapas de um acontecimento do passado heróico, concebido como tragédia pelo pintor.

O artigo de Luiz César de Sá colabora com uma leitura inédita da pintura de paisagem do Oitocentos norte-americano, da Hudson River School, especialmente os quadros de Albert Bierstadt, tomando como base a história ambiental da arte, onde se observa não apenas uma descrição minuciosa da natureza, mas o anúncio de sua destruição.

“*Receptores das ondas mnêmicas*”: *Aby Warburg como leitor de Nietzsche* intitula a contribuição de autoria de Serzenando Alves Vieira Neto, na qual se articulam os dois autores a partir de elementos como a vida póstuma da Antiguidade e o sentimento do *pathos*.

O texto de Paula Alvares Ampessan apresenta uma interpretação inovadora de um dos desenhos de figurino de Pernambuco de Oliveira, no Brasil da década de 1940, para uma montagem da tragédia de Shakespeare, jamais executada. Aqui o

próprio desenho se torna trágico em sua materialidade frágil e sua impossibilidade de concretizar-se na confecção do traje em cena.

Rosane Kaminski nos oferece uma fina leitura do fotofilme *Povo da lua, povo de sangue* de 1983, de Marcelo Tassara, baseado nas fotografias do povo Yanomami de Claudia Andujar, onde se discutem as potencialidades transformadoras e os limites da arte diante da tragédia.

A partir de uma reflexão sobre a ação destruidora do fogo e da regeneração da natureza, Alexandre Ragazzi contribui de modo significativo com esta coletânea, articulando a obra de Anselm Kiefer e o pensamento de Andrea Emo, numa inquietante conexão entre criação e destruição.

O artigo de Artur Correia de Freitas analisa cuidadosamente, por meio de complexa trama conceitual, a performance coletiva *Batalha de Orgreave*, de 2001, de Jeremy Deller, com a participação das pessoas envolvidas na tragédia ocorrida quinze anos antes, sobreviventes de ambas as partes da situação de violência que inspirou a obra.

Não deixemos de observar, sem pressa, o desenho de Joyce Farias, gentilmente cedido para compor a capa desta publicação: silhuetas de corpos vivos que se amontoam e se desfazem. Mas, neste ponto, a imagem pronuncia-se por si só. É indizível.

Os textos que compõem a coletânea poderão, enfim, ser lidos de forma isolada, em sua sólida autonomia. Porém, uma leitura do dossiê em sua íntegra nos levará, certamente, a lugares inesperados, em diversas temporalidades e geografias, para sermos arrebatados por noções nada evidentes e revelações sutis, não lineares, nas quais o trágico teve encontro marcado com as artes.